

CRÍTICA FILME | ELES VÃO TE MATAR

POR PEDRO SOBREIRO

O 'Kill Bill' dos tempos modernos

Uma proposta de emprego tentadora para trabalhar em um hotel de luxo em Nova York oferece aos interessados uma chance de recomeçar na vida. Aberta a imigrantes, pessoas sem experiência prévia e até mesmo com passagem pela cadeia, a vaga parece boa demais para ser verdade, não é? Com base nessa premissa, 'Eles Vão Te Matar', novo terror da Warner, chegou aos cinemas com uma pegada ousada e ridiculamente divertida.

A trama acompanha a jovem Asia Reeves (Zazie Beetz), uma ex-presidiária que é contratada pelo hotel. Em sua primeira noite, ela descobre do pior jeito possível que os hóspedes sacrificam as almas dos funcionários ao demônio para manterem o pacto pela imortalidade. Porém, a moça não será presa fácil. Armada com um facão

- e praticamente qualquer objeto cortante que encontrar pela frente -, Asia começa a caçar os hóspedes um por um. Só que tem um problema: como matar alguém imortal?

Diante desse desafio, a protagonista não vê outra opção além de derrubar os servos até conseguir enfrentar o próprio diabo para acabar com a farra dos ricos sem noção.

'Eles Vão Te Matar' talvez seja o mais Tarantinesco filme do ano. Com forte inspiração no icônico 'Kill Bill', o longa usa e abusa dos efeitos práticos para criar algumas das cenas de ação mais divertidas, empolgantes e sangrentas do ano. Membros decepados, cabeças explodidas e até mesmo um olho espião, que perambula pelos dutos de ar, tomam conta da tela em um dos filmes mais surpreendentes de 2026.

Escrito e dirigido pelo russo Kirill Sokolov, o longa consegue



Divulgação/Warner Bros. Pictures

Asia Reeves está presa em um hotel centenário que esconde uma seita de ricos que fizeram um pacto com o diabo pela imortalidade

mesclar com maestria o humor politicamente incorreto à ação e aos elementos de terror B que permeiam toda a trama. E a direção desse filme é sensacional. Usando e abusando da 'Dolly Zoom', Kirill traz elementos dos terrores clássicos para criar uma sensação incômoda em meio a essa aventura com jeitão de videogame. Mais do que isso, por ser completamente

ambientado dentro do hotel, Sokolov explora os diferentes andares desse monumento ao satanismo para mostrar as 'excentricidades' dos ricos, enquanto Asia tenta escapar. É um filme que não aposta em 'jumpscare', mas consegue causar incômodo por meio da sensação de perigo constante que ronda a protagonista.

Um dos momentos mais espetaculares do longa é uma sequência ambientada em um quarto escuro, na qual a protagonista usa um machado em chamas para atacar os inimigos, iluminando a tela com os corpos incendiados. É de tirar o

fôlego!

Além do mais, a Asia de Zazie Beetz é fenomenal. A protagonista é forte, obstinada e uma verdadeira máquina de matar. Ela faz o diabo cobrir os pés quando vai dormir à noite, e o momento de enfrentamento deles é indescritível. Um dos papéis mais incríveis dessa grande atriz que ainda busca uma franquia para chamar de sua. E pode ser que tenha encontrado aqui.

No fim das contas, 'Eles Vão Te Matar' traz esses elementos do horror, mas cativa mesmo por ser um dos melhores filmes de ação dos últimos tempos.

CRÍTICA FILME | O OLHAR MISTERIOSO DO FLAMINGO

POR RODRIGO FONSECA

O deslumbre contra a intolerância

Interseção rara de ternura e ressaca, "O Olhar Misterioso do Flamingo" rendeu ao Chile uma das vitórias mais expressivas de seu cinema, em terras estrangeiras: a conquista do Prix Un Certain Regard, dado pela mostra homônima do Festival de Cannes, paralela à corrida pela Palma de Ouro. O Brasil tem um prêmio desses também, conquistado por Karim Ainouz, em 2019, com "A Vida Invisível". Evoca-se o longa-metragem do artesão cearense aqui por ele comungar da mesma hóstia consagrada que o tocante "La Misteriosa Mirada Del Flamingo": o

melodrama.

Diego Céspedes, seu realizador, nada de braçada nas águas que os folhetins estetizaram para recriar um mundo em que o lirismo do palco, associado de longe ao perfume do sexo, acendia uma vela à esperança num tempo de mortes em série, ao redor de um cabaré. A causa dos perecimentos: a Aids.

Céspedes é um estreante em longas, conhecido pelos curtas-metragens "Las Criaturas Que Se Derriban Bajo El Sol" (2022) e "El Verano Del León Eléctrico" (2018), instalado num registro queer. Opera em "O Olhar Misterioso do



Divulgação

O Chile de Lidia e de Flamingo é um espaço de acolhimento

Flamingo" na margem do realismo seco, de paisagens arenosas esturricadas, com gente suarenta, enquadradas na direção de fotografia de Angello Faccini numa luz cálida. A direção de arte esplendorosa (com adereços de Nicolás Roses) serve de contraponto, como se fosse uma

instância tátil de delicadeza pura, quase como um oásis (literalmente) no deserto. Sua trama volta no tempo a 1982, numa isolada cidade mineradora dos cafundós do Chile, onde a pequena Lidia, uma menina de 11 anos (interpretada por Tamara Cortes) vive sob a proteção das artistas e gerentes de um clube de performers trans e travestis.

Uma doença desconhecida - e mortal - começa a se espalhar pelos arredores. A moléstia passa a infectar mineiros machistas que se deliciam em transas com as "celebridades" daquela casa de espetáculos, mas, por homofobia e transfobia, negam o prazer publicamente. Em meio à infecção, a hipocrisia pede passagem e esses profissionais das minas passam a atacar o clube, alimentados pelo rumor de que o contágio aconteceria por meio de um simples olhar. Com o medo se instaurando, a "mãe" de Lidia, a estonteante Flamingo (Matias Catalán, em doída atuação), tenta proteger a menina de todas as formas, ao passo que a veterana Mama Boa (Paula Dinamarca) luta para sobreviver.

Numa condução meticulosa das cartilhas melodramáticas do afeto, Céspedes não demarca traços oitentistas. O filme parece se passar hoje, pois a intolerância do passado ficou, germinou e deu frutos amargos... que matam.